

**VAMOS JUNTOS
SUPERAR
ESSA CRISE.**

**A INDÚSTRIA NO COMBATE
À COVID-19.**

NÚMERO 22

BOLETIM SESI COVID

QUINTA-FEIRA, 26 DE AGOSTO DE 2021



CONTEXTO

ASSEGURAR A SEGUNDA DOSE É MAIS IMPORTANTE DO QUE INICIAR A TERCEIRA

O Ministério da Saúde anunciou uma terceira dose da vacina contra a COVID-19, a partir de 15 de setembro, para pessoas acima de 70 anos e com imunidade comprometida – desde que já tenham se vacinado com a segunda dose há pelo menos seis meses.

A aplicação da terceira dose é uma questão ainda discutível, mas de importância menor do que o fato da proporção de imunizados com a segunda dose (ou dose única da Janssen) no Brasil ser ainda de 25%, embora 60% da população já tenha recebido, no mínimo, a primeira.

Ilustrações: © Ouellet/stock.com/stock.adobe.com

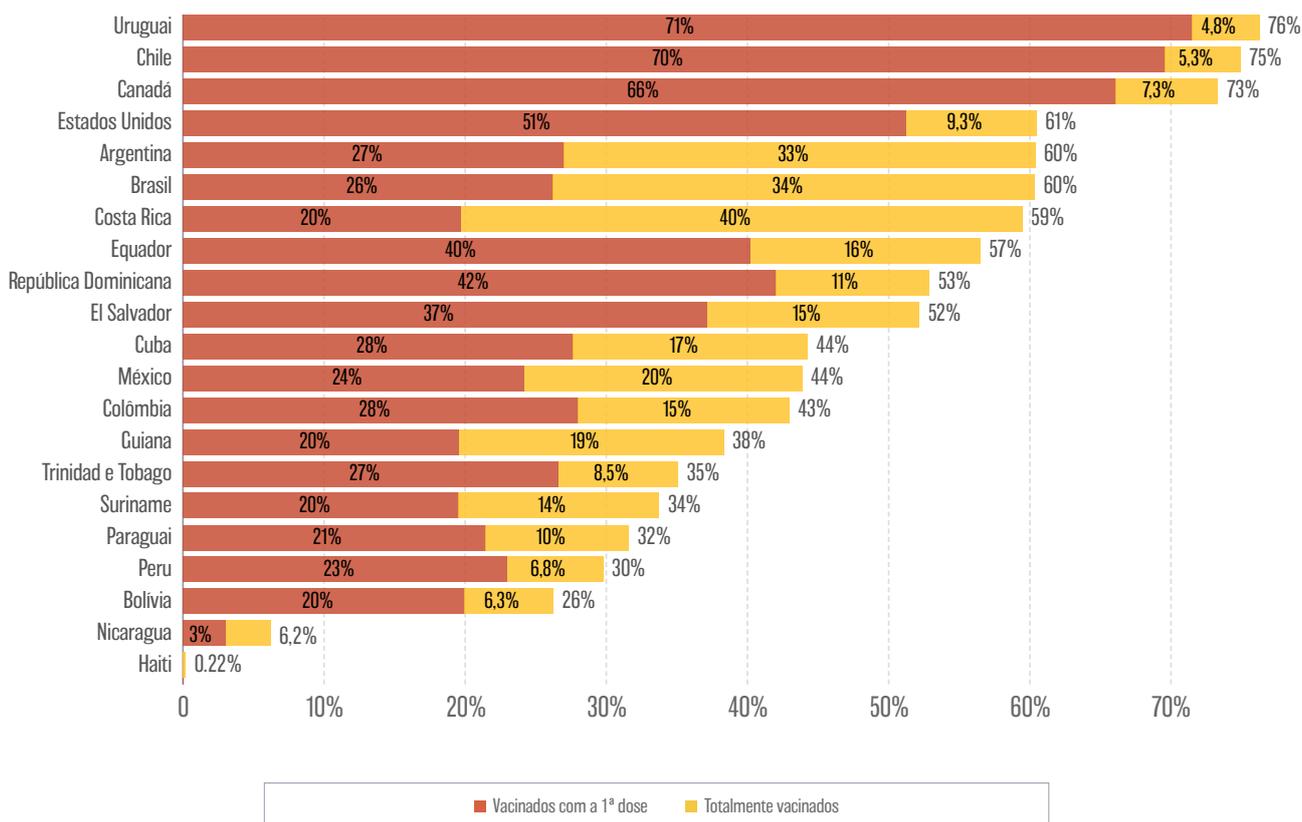
O gráfico a seguir mostra que nas Américas, países como Uruguai, Chile e Canadá alcançaram aproximadamente 70% da população completamente vacinada. Os Estados Unidos chegaram à metade da cobertura. E mesmo nações mais pobres como Equador, El

Salvador e República Dominicana já ultrapassaram um terço da população completamente vacinada.

A prioridade para o Brasil é garantir a segunda dose para que rapidamente o país esteja com 70% da população inteiramente vacinada. ■

PORCENTAGEM DE VACINADOS CONTRA A COVID-19

24 DE AGOSTO DE 2021



Fonte: Our World in Data



P&G

CASES

P&G: PROTOCOLOS MANTIDOS CONTRA O CORONAVÍRUS

Nos últimos meses, brasileiros de todas as regiões têm se acostumado com um grave paradoxo. Ao mesmo tempo em que estados e municípios flexibilizam (ou até eliminam) as medidas de isolamento social que previnem a disseminação da COVID-19, outras autoridades públicas alertam para cenários de risco causados pelo surgimento e crescimento de novas variantes do coronavírus, como a delta. Mesmo assim, grandes empresas mantêm muitos dos protocolos adotados no início da pandemia. Com 4 mil funcionários no Brasil (800 deles em escritório), a multinacional Procter & Gamble tem sido uma delas.

Dona de marcas como Gillette, Pantene, Ariel, Always, Oral-B e Pampers, a P&G conta em sua unidade no Brasil com a orientação de profissionais de saúde que avaliam e atualizam as medidas de proteção dos trabalhadores envolvidos na fabricação, embalagem e distribuição de produtos. Isso inclui medições de temperatura, rodízios de turnos, evitar filas e aplicar distanciamento social, sempre que possível.

Fernando Mariya, gerente médico da companhia no Brasil, lembra das primeiras ações tomadas, antes mesmo do alerta mundial feito pela Organização Mundial da Saúde. “No final de 2019

fomos notificados pela filial chinesa que uma doença parecida com a gripe tinha potencial para se tornar uma pandemia. Iniciamos então a produção de máscaras do tipo cirúrgicas, que são distribuídas aos nossos trabalhadores e também doadas para serviços de saúde e comunidades.”

O executivo enumera uma série de desafios a serem enfrentados pelos médicos do trabalho, entre eles, a promoção da saúde dos trabalhadores e seus dependentes, o gerenciamento da saúde mental (“entender os determinantes e definir ações”) e a integração das ações de saúde na empresa. “Precisamos adotar uma visão de atenção primária à saúde e a linhas de cuidado”, afirma.

A P&G parece não ter enfrentado resistências ou reclamações por conta da implantação dos protocolos de prevenção. Segundo Mariya, a população de colaboradores da companhia já estava habituada aos conceitos de saúde e segurança no trabalho.

A disseminação de notícias falsas também é uma preocupação. “Nossas equipes de saúde orientam sobre as notícias relacionadas à COVID-19, inclusive alertando sobre fake news, que são desmentidas em newsletters ou vídeos que passam nas TVs instaladas em *meeting points* e refeitórios”, revela Mariya. ■

TENDÊNCIAS

A VARIANTE DELTA PODE EXPLICAR AUMENTO DE CASOS E ÓBITOS NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

O número de casos e mortes pela COVID-19 continua em queda em todo o país. Estados mais populosos, como São Paulo, Minas Gerais, Paraná e Bahia, mostram redução no número de casos.

Duas observações são importantes. A primeira é que os valores ainda estão altos, acima dos observados em novembro de 2020, mas já menores do que os de janeiro de 2021.

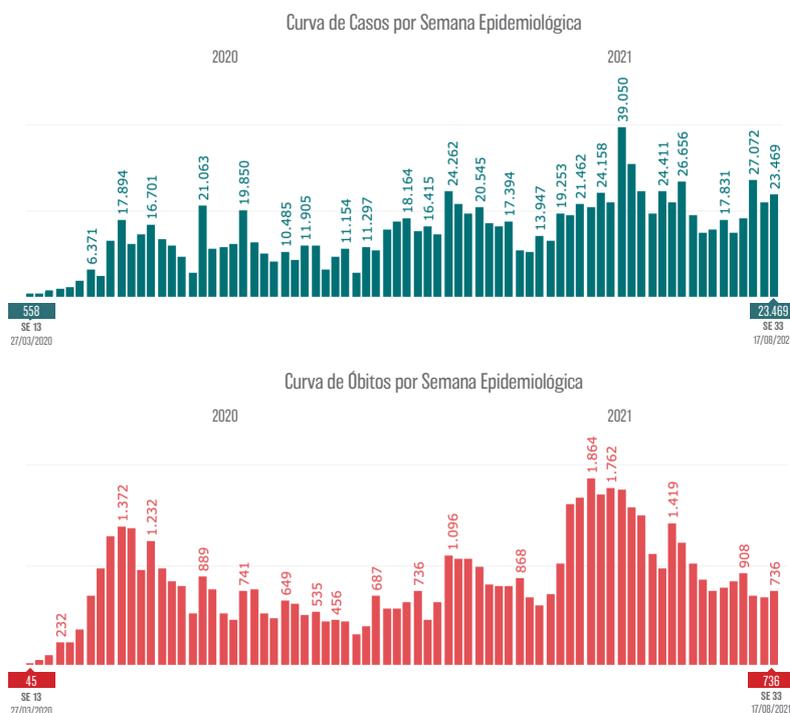
O segundo ponto é mais preocupante. O estado do Rio de Janeiro registra um aumento de casos e mortes pela COVID-19 até a semana epidemiológica 33, finalizada em 21 de agosto de 2021 (como mostrado no gráfico). Por ser o estado com a maior proporção de casos da variante delta do coronavírus, esses dados precisam ser analisados com cuidado e atenção redobrada em todo o país. ■

COVID-19

CURVAS DE CASOS E ÓBITOS

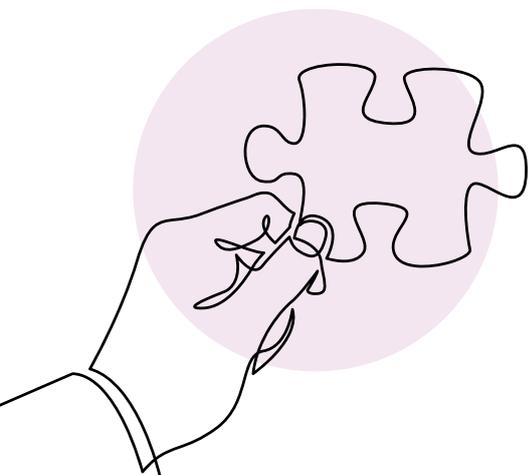
NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Fonte: Conselho Nacional de Secretários de Saúde



ENTREVISTA CLAUDIA SUEMOTO

Nascida na cidade de São Paulo, Claudia Suemoto é Professora Associada da Disciplina de Geriatria da Faculdade de Medicina da USP. Tem mestrado e pós-doutorado em Epidemiologia pela Harvard School of Public Health.



“Ainda não entendemos as causas de problemas cognitivos deixados pela COVID-19; apenas que em uma parcela pequena dos casos, foram identificados AVC, encefalopatias e outras lesões que explicam os sintomas”



O que se sabe hoje sobre as sequelas cognitivas deixadas pela COVID-19?

Pacientes têm reportado sintomas de “brain fog” (confusão mental) nas fases crônicas e subagudas (que ocorre entre as fases aguda e crônica) da síndrome pós-COVID (quando as se-

quelas da doença surgem ou persistem mesmo após o teste negativo). Isso tem sido reportado independentemente da gravidade da doença na fase aguda. Os sintomas incluem problemas de concentração, desorientação, dificuldade de encontrar as palavras e baixa energia.

O que apontam as principais pesquisas sobre o assunto?

Um estudo grande inglês com mais de 81 mil participantes (publicado em julho na revista científica **Lancet**) mostrou alterações nos testes de pensamento abstrato, resolução de problemas e orientação visuoespacial, corroborando as queixas dos pacientes que temos visto na prática clínica. Interessante ressaltar que essas alterações cognitivas são reportadas por pacientes com quadros de todas as gravidades na infecção aguda, embora casos mais graves tenham sido piores na avaliação cognitiva. Os sintomas também foram reportados por pacientes jovens.

Esses efeitos são mais comuns em idosos?

A gravidade dos sintomas cognitivos está relacionada à gravidade da infecção aguda. Como a doença grave é mais comum em idosos, acabamos vendo quadros mais frequentes e graves nessa população.

Se tais problemas cognitivos não forem tratados rapidamente há a possibilidade de agravamento?

Não há tratamento específico para os sintomas cognitivos até o momento, e ainda não entendemos as causas desses sintomas. Numa parcela pequena dos casos foram identificados acidente vascular cerebral (derrame), encefalopatias, microsangramentos e outras lesões que explicam os sintomas. Por isso, em quadros cognitivos importantes e/ou que sejam acompanhados de sintomas motores, é recomendado uma investigação por meio de neuroimagem.

Já foi descoberta alguma relação entre a COVID-19 e doenças neurológicas, como Alzheimer? O coronavírus afeta de forma diferente esses pacientes?

Não há uma relação direta. O que pode acontecer em um paciente que tenha lesões cerebrais de doença de Alzheimer, porém assintomática, é a infecção pelo coronavírus funcionar como um gatilho para a manifestação de uma demência. A pessoa estava próxima do limiar sintomático, e a infecção pela COVID é a gota a mais num copo que estava quase transbordando. Em pacientes que já tem Alzheimer e que estão há muito tempo isolados, temos observado piora dos sintomas comportamentais pela falta de contato com outras pessoas. Então os prejuízos não são necessariamente relacionados à infecção viral, mas podem ser um efeito secundário do isolamento social prolongado. ■

